

PATRIMÓNIO CULTURAL

A História faz-se com documentos, sejam eles escritos ou apenas materiais. Mas se, referindo-se a épocas recentes — para as quais existem imensos documentos, alguns já publicados mas na maioria ainda inéditos e guardados em vários arquivos — quase todos os dias podemos ler “histórias” (ou, melhor, “estórinhas”) sobre a nossa região, o nosso concelho, e até mesmo sobre as nossas aldeias, imagine-se como deve ser difícil para os profissionais a construção segura (mas nunca definitiva!) da nossa História, quando os documentos são raros. E o pior é que as tais “estórinhas” aparecem escritas em livros, revistas, jornais, por quem não se baseia em documentos mas apenas em tradições, lendas, ou em falsas interpretações: e como “quem conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto”, calculem a confusão que por aí vai! Esperamos que, brevemente, a Câmara possa começar a publicar (em revista própria) a documentação que diz respeito ao concelho: só assim a população terá acesso ao real conhecimento do seu passado, e a que tem pleno direito.

Vem isto a propósito da importância que têm as inscrições de época romana para o conhecimento histórico dessa época. De então, existem alguns livros (poucos, ou cópias deles) que chegaram aos nossos dias; mas por eles apenas ficamos a saber quais foram os grandes acontecimentos, ou pouco mais: para história regional de pouco servem. Grande parte do que hoje se sabe sobre cada uma das regiões no período romano foi escrito sobre metal, ou pedra: leis, marcos divisórios de povos ou de guarnições militares, marcos miliários das estradas, contratos de boa vizinhança, consagrações aos deuses, memórias funerárias, etc. Sem estas inscrições, que hoje aparecem quase sempre isoladas, pouco se saberia sobre aqueles tempos! E, com uma aqui e outra além, a pouco e pouco os profissionais vão conseguindo construir a nossa História Antiga.

Como é evidente, estas inscrições são documentos e, como tais, devem ser preservadas. E se os papéis importantes vão para arquivos próprios, estes materiais devem ir para os museus; por isso se pretende abrir o nosso Museu Municipal: para que ali as gerações vindouras encontrem as memórias do passado da nossa região, isto é, o nosso Património — em vez de se perder, ou andar espalhado por vários museus de todo o país.

Neste número do Boletim apenas vamos dizer quais são os documentos escritos que existem (todos sobre granito), o que diz cada um deles, onde apareceram e onde se encontram neste momento; no próximo falaremos mais detalhadamente sobre a sua importância e significado. De uma coisa nos podemos orgulhar todos: são poucos os concelhos como o nosso onde existam ainda tantos documentos destes, e onde a população compreenda a necessidade da sua salvaguarda e dê (como tem dado aqui) a sua inteira colaboração!

As fotografias que se apresentam servirão

apenas para mostrar cada um dos principais tipos de monumentos, embora as suas dimensões variem muito dentro do mesmo tipo. E na relação seguinte indicar-se-á em primeiro lugar a freguesia, depois o lugar e o sítio onde se encontrou cada uma das inscrições.

Para evitar mais explicações ao referir cada um destes monumentos, entenda-se o seguinte:

a) — um marco miliário (assim chamado porque, em princípio, indicava as milhas nas estradas mais importantes) é uma coluna cilíndrica com a inscrição no fuste;

b) — um marco divisório (de terras que pertenciam a povos diversos ou a uma guarnição militar) tanto poderia ser uma coluna prismática como uma lápide;

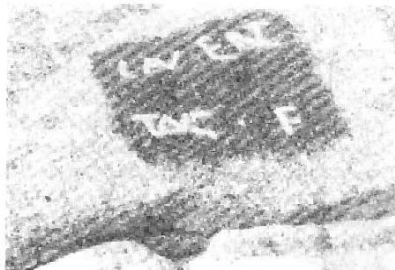
c) — uma lápide funerária é uma placa prismática, mais larga que alta e que se integrava na parede de um monumento construído;

d) — uma estrela funerária é uma coluna prismática (mais alta que larga) que, cravada no solo e no local da inumação, constituía por si só o monumento;

e) — as aras eram pequenos altares que se erigiam no culto aos deuses (também as há que são funerárias, o que não é o caso de nenhuma das aqui referidas);

f) — uma inscrição ruprestre (de qualquer natureza) é aquela que se grava directamente sobre um afloramento rochoso.

As inscrições da época romana do nosso concelho são as seguintes:



Inscrição ruprestre de Aldeia da Ponte

1 — Aldeia da Ponte: inscrição ruprestre sobre uma pequena fonte roqueira, chamada a “Fonte da Tigela”, que se terá feito para ali beber algum animal sagrado (talvez uma corça, para o que existirão paralelos); a interpretação poderá ser a seguinte: **Tangino fez (esta fonte) para Lânea (ou Laneana)**;

2 — Aldeia de Santo António Alagoas: marco miliário em muito mau estado de conservação e com a inscrição quase toda apagada (porque além de ter servido de cruzeiro também se utilizou como “pedra de afiar colectiva”); já está recolhido na Câmara e as poucas letras que sobram não permitem qualquer interpretação segura; altura: 132 cm;

3 — Alfaiates: possível marco divisório em coluna prismática com 200 cm de altura; foi recolhido pelo Dr. Joaquim Manuel Correia, que o ofereceu em 1922 para o Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), onde se encontra; a metade direita da inscrição está apagada, mas, infelizmente, dá

para afastar a hipótese (que já vem desde o século XVIII) de que ali se situasse a sede de um povo: começa por C X (...) seguindo-se a identificação do imperador — **O Imperador César, filho do Divino, Augusto, Cônsul pela vez (X...?) e na sua (X...?) aclamação imperial**; talvez fosse um marco relacionado com alguma guarnição militar existente no “Sabugal—Velho”, que fica a Sul; e é de entre os anos 15 a. C. (antes de Cristo) e 14 d.C. (depois de Cristo);

4 — Baraçal: lápide funerária reaproveitada na parede exterior de uma casa, na Rua do Forno; tem 40 cm de altura e 112 cm de largura; diz: **A Caturão, filho de Valútio, de 70 anos de idade; por sua disposição testamentária, Túreo, filho de Madúreo (?), mandou fazer-lhe (esta memória)**;

5 — Casteleiro: ara com inscrição quase apagada; apareceu em 1971 no sítio do Paraíso e, anteriormente a 1975, deu entrada no Museu de Castelo Branco; apenas se consegue ler a consagração: **A Júpiter Ótimo Máximo (...)**; tem 89 cm de altura;

6 — Fóios: ara bastante danificada que foi encontrada há já bastantes anos no sítio dos Pardieiros e depois reaproveitada numa casa da aldeia; foi recentemente oferecida por Palmira Pires Esteves e já se encontra na Câmara; tem 77 cm de altura e parte da inscrição destruída; consegue reconstituir-se o seguinte: **Rufus, filho de T(...), pelo voto feito, (erigiu esta ara) ao deus Paramaico**;

7 — Pousafoles, Pousafoles: lápide funerária reaproveitada na parte exterior da casa paroquial; tem 44,5 cm de altura por 98 cm de largura; e diz: **Aqui jaz Plácida, filha de Cito (ou Sítio), de 4 anos de idade: que a terra te seja leve. Os pais, Cito, filho de Vítor, e Avita, filha de Quadrado, mandaram fazer (esta memória)**;

8 — Pousafoles, Quinta de S. Domingos: ara com 26 cm de altura e que os proprietários — Manuel Andrade Pissarra e filhos — ofereceram há já alguns anos para o nosso Museu Municipal; está na Biblioteca Municipal e diz: **Tangino, liberto de Boutio (ou, filho de Lúcio Boutio), cumpriu de boa vontade o seu voto a Laepo**;

9 — Pousafoles, Quinta de S. Domingos: ara com 54 cm de altura e que os proprietários ofereceram ao Museu da Guarda, onde se encontra (juntamente com outras também ali aparecidas, mas sem inscrição); esta diz: **Basso, filho de Viriato, cumpriu o seu voto a Laepo**;

10 — Pousafoles, Quinta de S. Domingos: ara com cerca de 40 cm de altura e que, em 1912, foi oferecida pelo Eng.º António Torres ao Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), onde se encontra; diz: **Firmo, liberto de Sabina, cumpriu de boa vontade o seu voto a Laepo**;

11 — Pousafoles, Quinta de S. Domingos, no cimo do Cabeço das Fráguas e sobre uma lage das encostas virada ao Nascente; esta inscrição que devia assinalar um pequeno santuário comunitário, além de ser muito importante porque está escrita

(continua na pág. 5)

PATRIMÓNIO CULTURAL

(continuação da pág. 4)

em língua indígena, memoriza o sacrifício de alguns animais a outros tantos deuses: **Uma cordeira a Trebopala, um leitão a Laebo, uma vitela a Iccona Loimina, uma ovelha malata a Trebaruna, e um touro a Reva Tre(...);**

12—Ruivós: estela funerária com 123 cm de altura e reaproveitada na fachada Norte da capela de S. Paulo; diz: **A Meiduena, filha de Melamânio, os seus filhos erigiram este cipo;**



Lápide funerária de Santo Estêvão

13—Sabugal, Sabugal: estela funerária com 127 cm de altura e oferecida em 1904 pelo Dr. Joaquim Manuel Correia ao Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), onde se encontra; diz: **Aqui jaz Ambato, filho de Malgeino;**

14—Sabugal, Sabugal: ara com 60 cm de altura e reaproveitada na frontaria da Igreja Matriz; diz: **Nicer, filho de Arcão, (cumpriu de boa vontade o seu voto) a Arência Equotulaicense;**

15—Sabugal, Torre: ara fragmentada com 80 cm de altura e encontrada no sítio do Nabal do Teixo; foi oferecida há já bastantes anos ao Museu Arqueológico do Seminário Maior do Porto, pelo Padre José Miguel, e ali se encontra; diz: **Súnua, filha de Tóngio, cumpriu o seu voto a Vitória;**

16—Santo Estêvão: marco miliário com 164 cm de altura; esteve reaproveitado na desaparecida igreja de Santa Maria e recentemente reapareceu no Sabugal, nas casas que foram da família Campos; foi oferecido por António Nunes para o Museu Municipal e já se encontra na Câmara; diz: **Ao Imperador César Marco Cláudio Tácito, Pio, Feliz, Invicto, Augusto, Sumo Pontífice, com o Poder Tribunicio, Pai da Pátria, Pro-cônsul. Sete (milhas a ...?);** é do ano 275;

17—Santo Estêvão: lápide funerária com 44,5 cm de altura e 98 cm de largura; esteve também reaproveitada na desaparecida igreja de Santa Maria e também reapareceu no Sabugal, nas casas que foram da família Campos; foi oferecida para o Museu Municipal por Maria Emília Teixeira e já se encontra na Câmara; diz: **(Aqui jazem) Quinto, filho de Modesto, de 25 anos, e Plácida, filha de Modesto, de 13 anos. Modesto, filho de Celtiate, fez (em vida, este monumento) para seus filhos (falecidos), para sua mulher, Boudica, filha de Flaco, e para si;**

18—Santo Estêvão: possível estela funerária, que esteve reaproveitada juntamente com as anteriores na desaparecida igreja de

Santa Maria e cujo paradeiro se desconhece actualmente; diz: **A Trajânio Rufino Nigro, a mãe, Tértula, mandou fazer (este monumento);**

19—Santo Estêvão: ara que deve ter existido próximo do sítio da Fonte das Freiras, na Serra dos Mosteiros, e cujo paradeiro se desconhece actualmente; diz: **Rufo, filho de Tangino, cumpriu o seu voto a Vitória;**

20—Santo Estêvão: fragmento de ara com 102 cm de altura, que esteve reaproveitado no sítio dos Mosteiros; foi oferecida ao Museu Municipal por José Luis Leitão e desde há alguns anos que está na Câmara; infelizmente a face frontal foi destruída e as poucas letras que restam são insuficientes para permitirem qualquer interpretação; mas na face lateral direita ainda mantém a identificação do canteiro que construiu o monumento: **Cumélio, filho de Corobulto, Cularno, natural de Balatucelo, fez (este monumento);**

21—Sortelha, Ribeira da Nave: ara com 64 cm de altura que há alguns anos foi recolhida no sítio do Bandurro; oferecida por Patrocínio Clara para o Museu Municipal; diz: **Tangino, filho de Turânio, cumpriu o seu voto a Quangeio;**

22—Sortelha, Ribeira da Nave: fragmento de ara com 20 cm de altura; estava reaproveitada numa construção, no sítio da Tapada da Lage, próximo do local onde apareceu a anterior; já se encontra na Biblioteca Municipal e diz: **(...?) cumpriu o seu voto a Quangeio;**

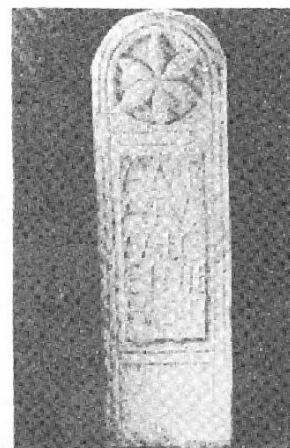
23—Vila Boa: estela funerária reaproveitada como torça da porta de um palheiro na



Ara da Ribeira da Nave (Sortelha)

Rua do Barroco; tem 175 cm de altura, foi encontrada no próprio local e já foi oferecida para o Museu Municipal por Florindo Augusto Dinis e filhos (embora ainda se não tenha recolhido nesta data); diz: **A Taláceo, filho de Coporcio, e por sua disposição testamentária, Cílio, (seu escravo) liberto (mandou fazer este monumento);**

24—Vila Boa: não muito distante da anterior, e também reaproveitada como torça da porta de um outro palheiro,



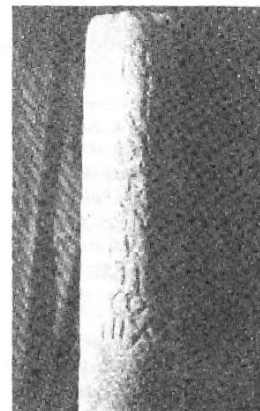
Estrela do Sabugal

encontra-se uma outra estela funerária com 172 cm de altura; diz: **Monumento a Cláudio (?) Púcio (que mandou fazer) Tangino, seu liberto. Feito por Tangino, filho de Duátio;**

25—Vila de Touro, Abitureira: bonita estela funerária, com 180 cm de altura, que se encontrou no sítio do Outeiro Alto; foi ali identificada em 1911. ou 1912, por José de Almeida Carvalhais (do MNA) e enviada em 1913 para o Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), onde se encontra; tem sido erradamente atribuída à Cerdeira, e diz: **Aqui jaz Fusco, filho de Severo, Limico, natural da aldeia de Arcucis (ou Arcucelo), de 22 anos de idade; que a terra te seja leve. O pai mandou fazer (este monumento) por intermédio de Tauroco;** além de se identificar aqui um indivíduo natural do alto vale do Rio Lima (na Galiza), para nós o mais importante é o seguinte: quem se encarregou de mandar fazer o monumento chamava-se **Taurocus** porque era da região do **Tauros**; isto é, há mais de dois mil anos que a zona do Touro assim se chama!

Haverá mais monumentos destes espalhados pelo concelho e ainda não identificados? É evidente que sim! Mas só com a ajuda de todos será possível encontrá-los e protegê-los: se assim não fizermos, os que depois de nós vierem saberão condenar-nos pelo nosso desleixo...

Fernando Curado



Miliário de Santo Estêvão